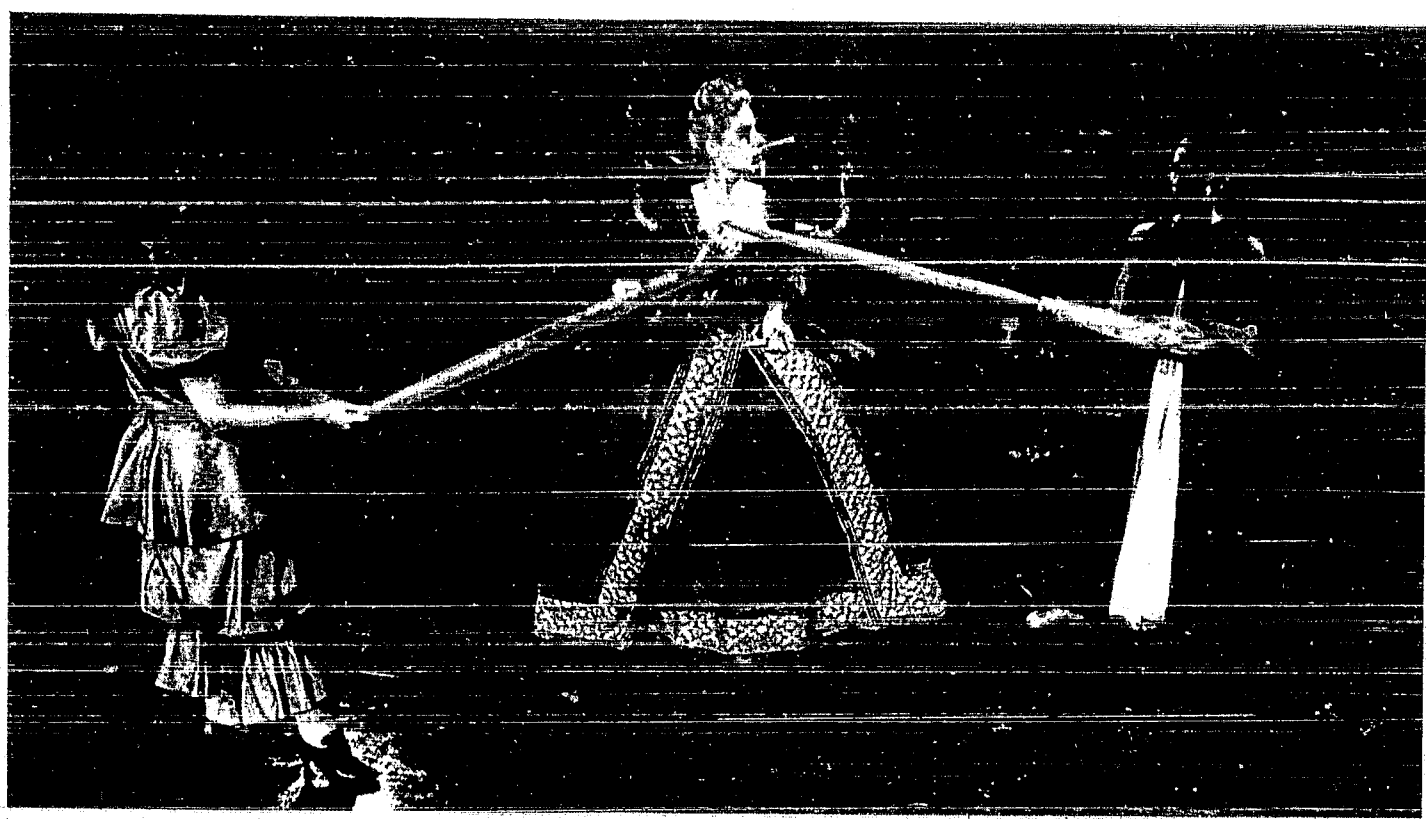




Maria Helena Imbassahy, Jacqueline Laurence e Solange Jouvin em "Madame de Sade"

Um dramaturgo japonês e seis mulheres contam a história do marquês de Sade

FLÁVIO MARINHO

Não é sempre que temos oportunidade de entrar em contato com uma peça oriental. A partir de hoje, porém, no Teatro Cândido Mendes, "Madame de Sade" vai, até certo ponto, preencher tal lacuna. Trata-se do texto de um escritor japonês — Yukio Mishima (1925-1970) — internacionalmente prestigiado e popular (nos EUA, seus romances, ensaios e peças têm edições até em pocket-book), mas que, só agora, terá um título encenado entre nós. Seu suicídio, há 11 anos, abalou o mundo literário, que já havia se acostumado às suas constantes criações, desde que concluiu os estudos na Faculdade de Ciências Jurídicas da Universidade Imperial, em 1947. Nesta entrevista, o diretor francês Gilles Gwizdek fala sobre o texto de Mishima e o espetáculo que concebeu para apresentá-lo aos cariocas.



Maria Helena Pader interpreta a baronesa de Simiane

Segundo Yukio Mishima, "Madame de Sade" poderia se chamar "Sade visto através do olhar das mulheres". Uma afirmação que Gilles endossa plenamente. — O Mishima quis, na verdade, contar a história do Marquês de Sade. Mas como contar a história da vida de um homem que ficou preso a maior parte (30 anos) da sua vida? Então, ele pôs no palco seis personagens femininas. Cada uma representando uma face do Marquês de Sade. Quer dizer, ele tentou mostrar como funcionava a cabeça do marquês. Para isso, ele situou a peça em Paris, no século XVIII e a dividiu em três atos: outono de 1772, fim do verão de 1778 e primavera de 1780. Durante esses 18 anos, o

autor lança as seis mulheres, que disputam os favores de Sade, entre a decadência da aristocracia e a ascensão burguesa, que marcaram a revolução francesa. Todas essas mulheres, no final das contas, só vivem de fantasia. O fantasma do marquês de Sade. Um fantasma que o autor associa ao clima de terror da revolução, quando rolavam cerca de 50 cabeças por dia. Ou seja, a loucura que é a cabeça do marquês de Sade é, constantemente, associada à morte. — E o que cada personagem feminina representa na peça? — A sra. de Montreuil (Jacqueline Laurence), por exemplo, mãe da Madame de Sade, significa o poder e tudo o mais que ele pressupõe: a família, as leis, as instituições, a sociedade repressora. As personagens restantes

giram em torno dela; mesmo a personagem-título, mulher do marquês, interpretada por Maria Helena Imbassahy, que, sob o prisma da lógica, representaria a própria evolução da cabeça do marquês de Sade. Ao lado desta evolução, está muito próximo um outro personagem — Anne (Solange Jouvin) — que é a irmã da marquesa e que se impõe como um símbolo da própria mulher, enquanto ser humano feminino. — Estas são as três personagens que, realmente, existem. E quanto às três restantes, fictícias, criadas por Mishima? — Existe uma empregada doméstica chamada Charlotte (Alina Molinari), que, segundo o Mishima, representa a "visão popular". E um personagem que, mesmo quando não está fa-

lando, está sempre em cena, observando tudo o que se passa. An seu lado, um papel oposto, aristocrático: a condessa de St. Fond (Beth Erthal). Um personagem que, voluntariamente, quer se autodestruir no início mas que, no fim, reaparece transformada, demonstrando todo o potencial de prazer que todas as pessoas têm. A outra personagem aristocrática, a baronesa de Simiane (Maria Helena Pader), detém as implicações religiosas (encontrável em todo o texto) mais fortes: ela começa apenas como uma puritana e acaba se refugiando num convento. Na realidade, ao mesmo tempo em que ele mostra sete facas do Sade, o Mishima está, também, traçando o retrato da condição feminina numa sociedade opressora. As mais variadas formas de repressão, como o sentimento de culpa cultivado pela religião, estão presentes. — Mishima diz que procurou escrever um texto "ordenado com uma precisão matemática". Sua mise-en-scene também procura esse tipo de precisão?

— De uma certa forma, sim. Mas a gente não pode fechar os olhos para o que tínhamos nas mãos: um palco de 4m por 4m, uma produção cooperativada de Cr\$ 60 mil (com a ajuda do Consulado da França). Como fazer o espectador sentir, por exemplo, o peso de uma aristocracia? Como passar para ele a sua decadência com todas essas limitações de espaço e de produção? Optei por simplificar, ao máximo, a montagem. O texto, em si, já é tão forte contudente que altos vãos de direção poderiam atrapalhar. Eu me permiti uma precisão de marcações: o espetáculo começa muito pelo chão e, aos poucos, as pessoas vão se levantando até estarem totalmente de pé. Isso pode dar um toque meio expressionista ao espetáculo, mas não obscurece o rigor lógico e a precisão matemática do texto. Minha preocupação básica é de que a peça chegue até o espectador de uma forma bastante clara. Todo o trabalho de corpo que a gente fez com a Suzana Pini, por exemplo, era para encontrar, no ritmo do texto, a respiração e a pulsação do espetáculo. A peça foi montada nas principais capitais do mundo de uma forma bem clássica de época. A nossa proposta fôz disso a partir dos próprios figurinos do Chico Ozanam. O único figurino de época é o da mãe. Os outros são meio atemporais, assim como os temas que o texto aborda. O espectador vai saber que aquilo se passa em Paris, século XVIII, mas não se sentirá afastado da ação da peça.

OS melhores de 80 na cultura: o voto dos críticos paulistas

SÃO PAULO (O GLOBO) — Cerca de 70 críticos de artes, reunidos no Sindicato dos Jornalistas Profissionais do Estado de São Paulo, mantiveram o quorum mínimo de 1/3 de sócios e escolheram os melhores em dez setores das artes de 1980. O encontro foi dos mais concorridos nos últimos anos e marca o Jubileu de Prata da premiação da Associação Paulista de Críticos de Arte.

Foram eleitos os melhores: Teatro — Votaram: Carmelinda Guimarães, Hélio Silveira, Hilton Viana, Antônio Sérgio Paschoal, Clóvis Garcia, Paulo Laferla, Carlos Ernesto Godoy, Edelvaldo Mostaco, Othoniel Fonseca Motta, Luis Elmerich e Mário Garcia Guilien. Melhor espetáculo — "El día que me quieras"; diretor — Flávio Ranget; autor — Plínio Marcos (conjunto de obras); ator — Edwin Luisi ("A resistência"); atriz — Cleide Iaconis ("A nonna"); iluminador — Jorginho de Carvalho (conjunto de obras); direção musical — Tato Fischer e Wanderley Martins ("Foi bom, meu bem"); cenógrafo — Campeio sonoplasta — Wamir Barros; cenotécnico — René Magalhães; cenógrafo figurino — Chico Ozanam; revelação do ator — Luis Alberto de Abreu; revelação de diretor — Antônio do Vale; revelação de atriz — Maria Luiza Jorge; revelação de cenógrafo — Marcio Aurelio; prêmios especiais: Mirosl Silveira (Teça), Projeto Cecilia Becker e "Auto das sete luas de barro". Teatro Infantil — Votaram: Tatiana Belinky, Rui Fontana Lopes e Clóvis Garcia. Grande Prêmio da Crítica — Grupo Vento Forte; espetáculo — "Histórias de lençóis e ventos"; diretor — Carlos Mccari ("O balão que caiu no mar"); ator — Washington Lasmar

("Histórias de palhaços e gentes"); atriz — Lizette Negreiros ("Quem conta um conto"); cenografia — Augusto Francisco ("O balão que caiu no mar" e "Super flor"); figurinos — Fausto Brunini ("Tateando e andando e voando como alguém e ninguém"); prêmio especial — Plínio Rigon pela proposta de teatro infantil. Música erudita — votaram: Léa Vincour Freitag, Luis Elmerich, Eduardo Escalante, Enio Squeit, Letícia Pagano, José da Veiga. Cultura artística — Seguradora Itaú (promoções de concertos); obra sinfônica — "Contextura", de Raul de Vale; obra vocal — "Canta de Natal", Amaral Vieira; obra experimental — "Em serior", Damiano Cozzella; rockista-planetista — José Eduardo Martins; solista — Nathan Schwartzman (violin); cantor — Fernando Teixeira (bariton); conjunto vocal — Madrigal Klaus Dieter Wolf; conjunto instrumental — Quarteto de Cordas do Municipal; regente — Jamil Maluf; regente coral — Fábio Mecheletti; revelação — Roberto Minkenk. Literatura — votaram: Alvaro Alves de Faria, Leo Gilson Ribeiro, Moacir Amancio, Hélio Silveira, Henrique L. Alves, Antonio Zago, Nelly Novaes Coelho e Torrieri Guilmarfes. Grande prêmio da crítica — Hilda Hilst, ficção — "A disciplina do amor", Lygia Fagundes Telles, e "O centauro no jardim", de Moacyr Scliar; poesia — "Escavações", Neyde Archanjo; ensaio — "O jogo mágico", Bella Josef, e "Realismo maravilhoso", Iremar Chlami; tradução — "Poemas", de T. S. Elliot, Idelma Ribeiro Farias, e "Memórias de Adriano", de Marguerite Yourcenar, tradução de Gildonaro; revelação de autor — Vicente Coelm — "Os animais da Terra", e João Gilberto Noll — "O cego e a dançarina"; editoração — Pedro Paulo Sena Madureira; divulgação no exterior — Maria Julietta Drummond de

Andrade (Argentina); acontecimento — encontro — escritor 80, Secretaria Municipal de Cultura; realização cultural — "Cartas", de Graciliano Ramos, MPM promoções. Música popular — votaram: Maria Amélia Rocha Lopes, Regina Echeverria, Eduardo Martins, Ricardo Porto de Almeida e Wladimir Tavares de Lira. Grande prêmio da crítica — Alô, fô! fô! fô! show "Lança-Perfume", Rita Lee; compositor — Chico Buarque de Holanda; arranjador — Dori Caymmi; cantor — Cauby Peixoto; cantora — Elis Regina; conjunto vocal — MPB 4; conjunto instrumental — Trio d'Alma; revelação — Arrigo Barnabé; música — "Nosso estranho amor", Caetano Veloso; disco — "Sentinela", Milton Nascimento; sopros — Maurício Elmhorn; cordas — Heroldo do Monte; teclados — César Camargo Mariano; percussão — Nana Vasconcelos. Dança — votaram: Sérgio Viotti, Acácio Vallim, Rui Fontana Lopes e Casimiro Xavier de Mendonça. Melhor espetáculo — "Mulheres", do Mara Borba e Sonia Motta; diretor do espetáculo — Maurice Vaneau; bailarina — Cella Gouveia; coreógrafo — Luiz Arrieta; revelação de bailarino — Paulo Rodrigues, Grupo Casa Forte; revelação de bailarini — Sonia Mello, Corpo de Balé do Municipal; figurinista — Murilo Solla (da infância); revelação de diretor de espetáculo — J.C. Violla; menção especial — Jacov Hillel (trabalhos de iluminação de dança) e Antonio Carlos Rebescos (direção de TV de espetáculos de dança). Rádio — votaram: Azenil Gonçalves Passos, Henrique L. Alves e Lira Frydman. Grande prêmio da crítica — Almirante (homemagem póstuma); musical — "Mals, mals..."; rádio Bandeirantes, e Zuzi Homem de Melo, da Rádio Jovem Pan; variedades — Fausto Canova, Rádio Excelsior; jornalismo — "Ouçã", Rádio Globo; cultura geral — "Gente muito im-

portante", Rádio Cultura; humorismo — "Show de rádio", Jovem Pan; esportivo — "Jornal dos esportes", da Rádio Bandeirantes e Rádio Jovem Pan; FM — Universidade e "Manchete"; especiais — Prêmio Sanyo de Radialismo e Literatura no Show da Manhã. Televisão: votaram: Mario Rocha, Helena Silveira, Liba Frydman e Liane C. A. Alves. Atores — Jardel Filho e Stenio Garcia; atrizes — Regina Duarte, Tônia Carrero e Dercy Gonçalves; revelação — Marília Gabriela e Claudia Costa; melhor série — "O bem amado"; revelação — Henfil e Clodovil; telejornalismo — "Canal livre"; programa/pesquisa — "TV ano 30"; humorismo — Jô Soares; diretor do TV — Antonio Carlos Rebescos; melhor programa de prestação de serviços — "TV mulher"; voto de pesar — final de "Malu Mulher", e fechamento da TV Tupi. Artes visuais — votaram: José Henrique Fabre Rolim, Jacob Klintowitz, Alberto Buitinmiller, Osvaldo Marinho, Carlos Von Schmidt, Emília Okubo, Fernando Cerqueira Lemos, José Lutzen, Paulo Maranca, Luiz Ernesto Machado Kawali, Ivo Zanini e Casimiro Xavier de Mendonça. Grande prêmio da crítica — P. M. Bardí; pintura — Siron Franco; gravura — Hans Grudizinski; desenho — Ermelindo Nardim; fotografia — Mario Cravo Neto; arte/comunicação — Fundação Roberto Marinho; pesquisa — Ubirajara Ribeiro; exposição — Arté Plurária; revelação — Cristhina Parisi; escultura — Caçaporé Torres; artes gráficas — Equipe Artes Gráficas; tapeçaria — Clemente Hungria; retrospectiva — Sérgio Camargo. Literatura infantil juvenil — votaram: Tatiana Belinsky, Panny Abramovich, Nádmi Perrotti, Mirna Pinsky. Grande prêmio da crítica — Lygia Bojunga Nunes; livro/autor infantil — "O menino maluquinho".

Na saúde dos americanos, mudanças. Quase sempre para melhor

"WASHINGTON POST" Exclusivo para O GLOBO

Os americanos mudaram drasticamente suas vidas nos últimos anos, numa tentativa de se tornarem mais saudáveis. O general Julius Richmond, o oficial médico mais importante da administração Carter, documentou a enorme — o surpreendente — mudança de hábitos no que diz respeito à alimentação, fumo e exercícios no relatório anual sobre a saúde do país. Os índices mostram, disse ele, que as pessoas estão prontas a modificar seus hábitos

de saúde em resposta a novas informações. Diversas autoridades médicas acham isto pouco provável, mas Richmond insiste, e na realidade "o público americano tem uma compreensão mais abrangente" sobre o que afeta sua saúde, à qual estão dando importância cada vez maior. Ainda há muito o que fazer na área da prevenção de doenças, e existem muitos contras, bem como prós, no quadro da saúde americana, enfatizou Richmond. Mas estes são desafios que deverão ser enfrentados pelo novo governo.



Até mesmo avós no cooper matinal

Desde a década de 60 e início dos anos 70, registraram-se os seguintes fatos: Os americanos estão consumindo 21% menos de leite e creme, 28% menos de manteiga e 10% menos de ovos numa tentativa vigorosa de manter uma dieta com baixos teores de gordura e colesterol. Muitos médicos aconselham essa medida para tentar evitar problemas cardíacos, embora recomendem a ingestão de leite desnatado como substitutivo, e não a ausência total de leite na alimentação. O número de homens adultos (acima de 20 anos) fumantes sofreu uma queda da ordem de 20%, o de mulheres adultas, 13%, e até mesmo o número de adolescentes fumantes sofreu uma redução de 20%. Apenas o número de adolescentes fumantes do sexo feminino cresceu aproximadamente 51% desde 1968, mas este aumento pode estar começando a cair. O número de pessoas que ignoram suas pressões sanguíneas ou não as submetem a um diagnóstico teve uma redução de 10% em 1974 e provavelmente caiu ainda mais desde então. A pressão alta sem controle geralmente é responsável por enfartes e derrames. Apenas os hábitos de bebidas permaneceram basicamente inalterados, tomando-se como ponto de

referência as pessoas que bebem dois ou mais drinques por dia. As pessoas que se inserem nesta categoria talvez sejam influenciadas por provas crescentes de que um ou dois drinques por dia podem ajudar no combate aos ataques cardíacos. No entanto, muitas pessoas, principalmente adolescentes e adultos jovens, estão bebendo e dirigindo embriagados. O que é ainda pior, segundo o relatório de Richmond, é que "a taxa de mortalidade geral para os 40 milhões de adolescentes e adultos jovens — diferentemente dos americanos em todas as demais faixas etárias — é mais alta hoje em dia do que há 20 anos, embora tenha sofrido um ligeiro declínio na última década. As principais razões: as batidas de automóvel (a principal causa entre os jovens negros), ingestão excessiva de álcool e drogas e um número crescente de suicídios (a causa de mais de uma entre cada dez mortes de pessoas jovens). Os jovens também são vítimas de doenças transmitidas pelo sexo e de gravidez indesejada. As doenças são responsáveis pelo elevado índice de esterilidade entre as jovens mulheres ou, se ficam grávidas, pela pneumonia, morte e retardamento mental de seus filhos. Anualmente um milhão de moças adolescentes, duas

entre cada três casadas, engravidam. Sua imaturidade física, má alimentação e a negligência quanto a cuidados médicos produzem muitos bebês com reduzidas chances de sobrevivência, disse Richmond, e a interrupção dos estudos da mãe a dependência da previdência social criam um grave problema nacional. Provavelmente devido a hábitos de saúde meliores e ao atendimento médico de melhor qualidade, a taxa de mortalidade segundo o critério de faixas etárias referentes a doenças do coração sofreu uma queda de ordem de 20% entre 1970 e 1978. O índice de óbitos atribuídos a derrames sofreu uma queda de um terço entre 1970 e 1977. A mortalidade por câncer diminuiu para as pessoas com menos de 45 anos, evidentemente começou a crescer para as pessoas com idade entre 45 e 49 anos, embora as mulheres estejam contraindo cada vez mais câncer de pulmão como resultado de um aumento do fumo. Além disso, em grande parte em consequência de programas federais, registrou-se "uma tendência marcante quanto à igualdade de acesso ao tratamento médico, não importa qual seja a renda, havendo um aumento no número de pessoas, especialmente os pobres, consultando-se com médicos nos últimos dois anos.

TUDO PARA A FUTURA MÃE!

Gravidez & Parto

Guia Prático para a Futura Mãe

Óvulo mais espermatóide, começo de tudo

Remédios: proibidos até que ponto?

Um valioso auxiliar: o diário da gestante

Alinal, é preciso mesmo abandonar os cigarros?

Todos em casa se transformam: a família está grávida

A incrível aventura do bebê dentro do útero

Preparando-se para o grande dia

Ele esperneia e grita, num aviso: chegou!

Traz informações sobre mudanças que ocorrem na vida de uma família com a chegada de um neném. Saiba, por exemplo, como contar a uma criança que ela vai ganhar um irmãozinho.

Gravidez e Parto, um guia completo da Open University de Londres com todas as dicas para quem vai ter filho.

Gravidez e Parto chegou para responder às perguntas de quem vai ter filho: um guia prático, em linguagem simples e objetiva, com muita ilustração, que explica, de maneira clara, todas as etapas da gestação, até o nascimento.

Gravidez e Parto mostra também cuidados importantes para a saúde do bebê, como remédios que a mãe deve ou não tomar durante o tempo de espera.

Gravidez & Parto
Um lançamento RIO GRÁFICA E EDITORA